FIDES REFORMATA XXX, Nº 1 (2025): 95-111

A Ressurreição de Jesus: O Argumento dos Fatos Mínimos de Gary Habermas

*Felipe Soares Forti**

RESUMO

O artigo a seguir pretende apresentar o argumento dos fatos mínimos como forma de demonstrar a historicidade da ressurreição de Jesus. Esse método foi desenvolvido por Gary Habermas e se baseia na apresentação de pequenos fatos historicamente aceitos que contam com um número considerável de argumentos a favor de sua historicidade, de modo que convence a maioria dos estudiosos de áreas relevantes a respeito do Jesus histórico. Desse modo, o artigo não apenas lista os fatos enumerados por Habermas como apresenta uma pequena defesa de alguns deles, tais como o sepulcro vazio de Jesus e as aparições a Tiago e a Paulo, entre outros. Além disso, há uma discussão a respeito da validade do método e apresentação de refutações dos argumentos contra cada fato mínimo discutido.

PALAVRAS-CHAVE

Ressurreição de Jesus; Jesus histórico; Apologética; Gary Habermas.

INTRODUÇÃO

Em sua primeira carta aos Coríntios, o apóstolo Paulo diz: "Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé" (1Co 15.17). Paulo usa a verdade da ressurreição de Cristo para fundamentar seu argumento de que, sim, a ressurreição é real. Se a esperança dos homens está apenas na vida terrena, sem a crença na

* Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM, 2025); bacharel em Teologia pela UPM (2022); licenciado em Filosofia pela UPM (2018) e bacharel em Design Gráfico pela FMU – Faculdades Metropolitanas Unidas (2012). Trabalha como designer gráfico na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Lattes: http://lattes.cnpq.br/6279641981039513

ressurreição, então "somos os mais infelizes de todos os homens" (1Co 15.19). Assim, a ressurreição de Jesus se faz um ponto central na teologia cristã e em suas afirmações de fé e esperança. Contudo, há mais do que isso na fala de Paulo. A ressurreição de Cristo não pode ser apenas uma crença subjetiva, mas deve ser um fato histórico. Há, portanto, um elemento histórico na fé cristã que não a limita apenas a uma questão de fé – ela precisa do evento factual da ressurreição para ter alguma importância.

Por ser proclamada como um evento histórico, a ressurreição de Jesus é, portanto, passível de investigação histórica. Como Gary Habermas e Michael Licona explicam:

> Tal teste histórico da verdade é exclusivo do cristianismo. Se Jesus não ressuscitou dos mortos, ele era um falso profeta e um charlatão que nenhuma pessoa racional deveria seguir. Por outro lado, se ele ressuscitou dos mortos, este evento confirmou sua afirmação radical.[1]

É pensando nesse "teste histórico" que Habermas defende um método chamado de "fatos mínimos". De acordo com Habermas, os fatos mínimos consistem em "um conjunto significativo de dados que estudiosos de quase todas as convicções religiosas e filosóficas reconhecem como sendo históricos" a respeito do "fim da vida de Jesus".[2]

É, portanto, possível questionar: até que ponto o método dos fatos mínimos oferece um suporte historicamente viável para a ressurreição de Jesus? É importante destacar que a amplitude e complexidade do tema limita a exposição e análise do método em questão. Por conseguinte, o foco fica na viabilidade histórica, enquanto questões de ordem epistemológica mais amplas e controvérsias historiográficas devem ser abordadas em estudos futuros, pois excedem os limites deste artigo.

1. GARY HABERMAS E OS FATOS MÍNIMOS SOBRE JESUS

O argumento da ressurreição de Jesus foi usado pela apologética clássica e evidencialista para defender a verdade da fé cristã. Habermas, que é um evidencialista, baseou seu argumento em um "consenso" de fatos aceitos pela maioria dos estudiosos.

De acordo com Habermas, há dois critérios para que alguma ocorrência seja classificada como um fato mínimo:

---

1 HABERMAS, Gary R.; LICONA, Michael. *The Case for the Resurrection of Jesus*. Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 2004, local 144. Edição Kindle. Minha tradução.

2 HABERMAS, Gary R. The Minimal Facts Approach to the Resurrection of Jesus: The Role of Methodology as a Crucial Component in Establishing Historicity. *Faculty Publications and Presentations*, Lynchburg, v. 14, 2012. Disponível em: https://digitalcommons.liberty.edu/sod_fac_pubs/14. Acesso em: 28 mar. 2025.

> Cada evento teve que ser estabelecido por evidências acadêmicas mais do que certas, e geralmente por várias linhas de argumentação independentes e criticamente apuradas. Além disso, a vasta maioria dos acadêmicos contemporâneos em áreas relevantes teve que considerar a historicidade da ocorrência.[3]

O primeiro critério, diz Habermas, é o mais importante, pois é ele que "realmente estabelece a historicidade do evento".[4] Em seu livro *Risen Jesus and Future Hope*, Habermas lista uma série de fatos históricos que são aceitos pela maioria dos estudiosos em áreas relevantes:

1. Jesus morreu por crucificação romana.
2. Ele foi sepultado, provavelmente em um sepulcro particular.
3. Logo depois, os discípulos ficaram desencorajados, enlutados e desanimados, tendo perdido a esperança.
4. O sepulcro de Jesus foi encontrado vazio logo após o seu sepultamento.[5]
5. Os discípulos tiveram experiências que acreditavam serem aparições reais do Jesus ressuscitado.
6. Devido a essas experiências, as vidas dos discípulos foram completamente transformadas, estando até dispostos a morrer por essa crença.
7. A proclamação da ressurreição ocorreu muito cedo, no início da história da igreja.
8. O testemunho público dos discípulos e a pregação da ressurreição ocorreram na cidade de Jerusalém, onde Jesus havia sido crucificado e enterrado pouco antes.
9. A mensagem do Evangelho se concentrava na morte e ressurreição de Jesus.
10. O domingo era o dia principal para reunião e adoração.
11. Tiago, irmão de Jesus e previamente cético, converteu-se quando acreditou ter visto Jesus ressuscitado.
12. Poucos anos depois, Saulo de Tarso (Paulo) tornou-se um crente cristão devido a uma experiência que ele acreditava ser uma aparição de Jesus ressuscitado.[6]

A pergunta que surge é: por que esses são considerados fatos? Essa pergunta será respondida a seguir.

---

3 Ibid., p. 16. Minha tradução.

4 Ibid.

5 Habermas admite que esse fato é aceito por menos estudiosos do que os outros, mas ainda assim por uma maioria. HABERMAS, Gary R. *Risen Jesus and Future Hope*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishing Group, 2003, p. 35.

6 Ibid., p. 9. Minha tradução.

2. OS CRITÉRIOS DE HISTORICIDADE

Para entender por que cada um desses itens listados acima é aceito como fato pela maioria dos estudiosos, Habermas e Licona[7] listam alguns critérios de historicidade:

I. Fontes múltiplas e independentes
II. Atestação por um inimigo
III. Admissões embaraçosas
IV. Testemunho ocular
V. Testemunho antigo (próximo dos eventos)

A aplicação desses critérios pode ser feita diretamente em diferentes itens enumerados na lista de fatos de Habermas. Talvez a evidência mais importante venha do testemunho de Paulo em 1Coríntios 15, texto em que cita um credo antigo da igreja apostólica.

3. O CREDO DE 1 CORÍNTIOS 15.3-8

Em 1 Coríntios 15, Paulo cita uma antiga tradição que menciona a morte, o sepultamento e a ressurreição de Jesus. Essa tradição é registrada dos versículos 3 a 8:

> Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E apareceu a Cefas e, depois, aos doze. Depois, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora; porém alguns já dormem. Depois, foi visto por Tiago, mais tarde, por todos os apóstolos e, afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo (1Co 15.3-8).

Como Paulo escreveu essa carta por volta de 54-55 d.C.,[8] então essa tradição é ainda mais antiga. Habermas[9] observa que Paulo faz uso de termos específicos como παρέδωκα e παρέλαβον. Esses verbos gregos são equivalentes àqueles usados para a transmissão da tradição rabínica. Além disso, a estrutura das frases, o paralelismo verbal e o uso triplo de sentenças com καὶ ὅτι são indicadores indiretos de um texto pertencente a uma tradição.[10] Habermas diz:

---

7 HABERMAS; LICONA, *The Case for the Resurrection of Jesus*, locais 272-324. Minha tradução.

8 BOCK, Darrell L.; KOMOSZEWSKI, J. Ed. *O Jesus histórico*: critérios e contextos no estudo das origens cristãs. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 327. Edição Kindle.

9 HABERMAS, Gary R. Experiences of the Risen Jesus: The foundational historical issue in the early proclamation of the resurrection. *Dialog*, v. 45, n. 3, p. 290, 2006.

10 Ibid., p. 290. Minha tradução.

> A visão mais popular é que Paulo recebeu esse material durante sua viagem a Jerusalém apenas três anos após sua conversão, para visitar Pedro e Tiago, o irmão de Jesus (Gl 1:18–19), cujos nomes aparecem na lista de aparições (1Co 15:5; 7). Uma pista importante aqui é o uso que Paulo faz do verbo *historēsai* [ἱστορῆσαι] (1:18), um termo que indica a investigação de um tópico. O contexto imediato, tanto antes quanto depois, revela esse assunto: Paulo estava indagando sobre a natureza da proclamação do Evangelho (Gl 1:11-2:10), da qual a ressurreição de Jesus era o centro (1 Co 15:3–4, 14, 17; Gl 1:11, 16).[11]

Ele ainda diz: "Estudiosos críticos geralmente concordam que este credo pré-paulino pode ser o mais antigo do Novo Testamento".[12] Observe que, por ser uma fonte antiga, então o credo citado por Paulo cumpre o critério V citado por Habermas e Licona, a saber, a fonte é antiga e próxima dos eventos.

3.1 A crucificação de Jesus

A primeira parte do texto diz: "Cristo morreu pelos nossos pecados" (1Co 15.3). Embora Paulo não cite a crucificação diretamente aqui, a morte de Jesus por crucificação passa por diversos critérios de historicidade citados acima. O critério I, por exemplo, simplesmente requer que um evento ou uma fala sejam atestados por mais de uma fonte independente.[13] Quando se fala da crucificação de Jesus, ela é atestada de forma múltipla e independente não apenas nos quatro evangelhos, mas também por fontes não-cristãs como Flávio Josefo, Tácito, Luciano de Samósata, Mara bar Serapião e o Talmude.[14] Por exemplo, Josefo, historiador judeu do primeiro século, diz: "Nesse mesmo tempo, apareceu *Jesus* [...]. Os mais ilustres dentre os de nossa nação acusaram-no perante Pilatos, e este ordenou que o crucificassem".[15] Tácito também diz: "Cristo [...] foi condenado ao último suplício pelo procurador Pôncio Pilatos".[16]

É possível que uma objeção seja levantada contra a autenticidade da passagem de Tácito. Contudo, o historiador J. P. Holding aponta duas razões para sua genuinidade: primeiro, a passagem é escrita em um estilo perfeitamente compatível com o estilo de Tácito; em segundo lugar, o tom da passagem é muito negativo com relação aos cristãos.[17] Holding conclui: "É difícil encontrar qualquer autoridade acadêmica que pense que essa passagem seja forjada".[18]

---

11 Ibid. Minha tradução.

12 Ibid. Minha tradução.

13 HABERMAS; LICONA, *The Case for the Resurrection of Jesus*, locais 272-324.

14 Ibid., locais 388-394.

15 FLÁVIO JOSEFO. *Antiguidades Judaicas*. In*: História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013, p. 1138-1139. *Antiguidades Judaicas.* Livro XVIII, 4.772.

16 TÁCITO. *Anais*, Lisboa: Edições Colibri, 2022, p. 392. *Anais* 15.44.

17 HOLDING, James. Patrick. *The Best Evidence for Jesus*. [s. l]: Tektonic Plates, 2014, local 29. Edição Kindle.

18 HOLDING, 2014, local 29. Minha tradução.

De volta aos critérios de historicidade, o do constrangimento também é importante. O Messias crucificado seria embaraçoso para os autores neotestamentários, já que, como judeus, eles veriam isso como uma demonstração da maldição de Deus (Dt 21.22-23). Proclamar um Messias amaldiçoado que dizia ser o próprio Deus seria embaraçoso para os autores, sendo, portanto, improvável de ser uma invenção. Habermas e Licona dizem: "A morte de Jesus por crucificação é claramente um fato histórico apoiado por uma evidência considerável".[19] Andrew Loke também diz que "é reconhecido por quase todos os historiadores que Jesus de Nazaré foi crucificado na década de 30 do primeiro século".[20] E Gerd Ludemann, estudioso ateu, diz: "O fato da morte de Jesus como consequência de crucificação é indiscutível".[21]

3.2 O sepultamento e o sepulcro vazio

Após falar da morte de Jesus, Paulo diz: "e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia" (1Co 15.4). O critério V é cumprido, pois o credo citado por Paulo implica em um sepulcro vazia. A frase "e que foi sepultado" seguido de "e ressuscitou" implica que o sepulcro estava vazio, pois, como argumenta William Lane Craig, um judeu do primeiro século não veria sentido na proclamação da ressurreição com o corpo do alegado ressurreto ainda no sepulcro.[22] Darrell Bock e J. Ed Komoszewski também dizem: "Os argumentos de Paulo [...] pressupõem claramente o sepultamento de Jesus, que, por sua vez, pressupõe o sepultamento em uma tumba. A ressurreição implica uma reversão do sepultamento e a desocupação de uma tumba".[23]

Ademais, Craig observa que a narrativa do sepulcro vazio em Marcos parece vir de uma tradição antiga. O uso da expressão τῇ μιᾷ τῶν σαββάτων "no primeiro dia da semana" (Mc 16.2) indica que esse é o caso, principalmente por dois motivos: primeiro, os cristãos posteriores usavam a expressão "Dia do Senhor" para se referir ao evento da ressurreição, e, em segundo lugar, a construção grega da frase é estranha, o que não acontece quando ela é traduzida para o aramaico.[24]

---

19 HABERMAS; LICONA, *The Case for the Resurrection of Jesus*, local 394. Minha tradução.

20 LOKE, Andrew. *Investigating the Resurrection of Jesus Christ*: A New Transdisciplinary Approach. *Routledge New Critical Thinking in Religion, Theology and Biblical Studies*. New York: Taylor & Francis, 2020, p. 40. Edição Kindle. Minha tradução.

21 LUDEMANN, Gerd. *What Really Happened to Jesus*: A Historical Approach to the Resurrection. Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 1995, p. 17.

22 CRAIG, William Lane. *Apologética contemporânea*: a veracidade da fé cristã. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 349-350.

23 BOCK; KOMOSZEWSKI, *O Jesus histórico*, p. 329.

24 CRAIG, *Apologética contemporânea*, p. 351.

O critério II também encontra um cumprimento na questão do sepulcro vazio. Justino Mártir, em seu *Diálogo com Trifão*, dedica-se a refutar a explicação judaica primitiva de que os discípulos haviam roubado o corpo do sepulcro.[25] Trifão, um judeu, se qualifica como um inimigo do cristianismo, sendo alvo das refutações de Justino. Não apenas isso, mas esse relato confirma a história contada por Mateus no capítulo 28 de seu evangelho. Mateus diz que foi ordenado aos guardas que dissessem que os discípulos haviam roubado o corpo de Jesus enquanto eles dormiam (cf. Mt 28.11-15). É estranho Mateus citar a teoria rival que poderia gerar dúvida em seu leitor.

Dale Allison objeta contra esse argumento dizendo: "O problema com essa suposta prova, frequentemente repetida, é que a idade da refutação em Mateus 28:11-15 é desconhecida". Ele diz que "não sabemos quando essa polêmica foi formulada pela primeira vez, nem onde foi formulada pela primeira vez, nem quem a formulou", e conclui: "Sem esse conhecimento, não podemos transitar com segurança de Mateus 28:11-15 para os primórdios do cristianismo em Jerusalém".[26]

Craig responde a isso observando que há um vocabulário em Mateus que indica uma tradição anterior.[27] Ele diz: "Há traços de uma tradição anterior no vocabulário não característico de Mateus na sua narrativa". Dentre esses traços, Craig cita palavras que "são singulares" no Novo Testamento, como "no dia seguinte", "o dia da preparação", "enganador", "guarda", "dar segurança", "lacrar", além de expressões como "principais sacerdotes e fariseus", "ao terceiro dia" (ao invés de "depois de três dias", que seria comum para Mateus). Isso mostra, diz Craig, uma tradição independente das tradições de Marcos e Lucas, indicando uma fonte, além de independente, mais antiga.[28]

Além dos critérios acima citados, o critério do constrangimento III pode ser aplicado aqui, visto que as primeiras testemunhas relatadas foram mulheres, antes até do que qualquer homem. Seria embaraçoso inventar uma história dessas em uma cultura que via as mulheres como inferiores e não como testemunhas válidas. Josefo confirma essa baixa visão acerca do testemunho das mulheres: "As mulheres não serão recebidas como testemunhas, por causa da fragilidade de seu sexo e porque falam muito atrevidamente".[29] Habermas e Licona observam: "Dada a visão baixa a respeito das mulheres que era

---

25 JUSTINO DE ROMA. Diálogo com Trifão. In: JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologias | Diálogo com Trifão*. Coleção Patrística, 2ª ed., Vol. 3. São Paulo: Paulus Editora, 1995, p. 200 (*Diál.* 108). Edição Kindle.

26 ALLISON, Dale C. *Resurrecting Jesus*: the earliest Christian tradition and its interpreters. New York: T & T Clark International, 2005, p. 312. Minha tradução.

27 CRAIG, *Apologética contemporânea*, p. 354.

28 Ibid., p. 350.

29 FLÁVIO JOSEFO, *Antiguidades Judaicas*, p. 302 (Livro IV, 8.172).

compartilhada tanto por judeus quanto por gentios, é altamente improvável que os autores dos evangelhos tenham inventado ou ajustado tais testemunhos".[30] N. T. Wright comenta:

> ... do ponto de vista do apologeta cristão que quer explicar para a audiência cética que Jesus realmente ressuscitou, é como dar um tiro no pé. Mas, para nós historiadores, esse tipo de coisa é como achar ouro. *Os primeiros cristãos nunca, nunca teriam inventado isso*. As histórias – das mulheres encontrando o sepulcro vazio, seguida de seu encontro com o Jesus ressurreto – devem ser consideradas como solidamente históricas.[31]

Por fim, seria impossível proclamar uma ressurreição em Jerusalém com o corpo ainda sepultado. Como Habermas e Licona apontam, tanto os líderes judaicos como o governo romano iriam apontar publicamente a presença do corpo e desmascarar a farsa.[32] Por esses motivos, apesar de o sepulcro vazio ser menos aceito no meio acadêmico, Habermas aponta que 75% dos estudiosos o admitem como um fato histórico.[33]

3.3 A aparição a Cefas, Tiago e Paulo

Paulo continua citando o credo e diz: "E apareceu a Cefas e, depois, aos doze. Depois, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora; porém alguns já dormem" (1Co 15.5-6). Portanto, a experiência dos discípulos com "aparições de Jesus" é atestada na fonte antiga e próxima dos eventos que Paulo cita. O uso do nome *Cefas* ao invés de *Pedro* aponta para a antiguidade do credo, por ser um nome em aramaico.[34] Se a tradição do credo foi recebida por Paulo do próprio Pedro, então é Pedro quem confirma essa aparição. Porém, além disso, o critério das fontes múltiplas é cumprido aqui, pois Lucas 24.34 aponta para uma aparição de Jesus a Simão. Craig conclui: "Mesmo os críticos mais descrentes do Novo Testamento concordam que Pedro viu uma aparição do Jesus ressuscitado".[35]

Paulo prossegue dizendo: "Depois, foi visto por Tiago" (1Co 15.7a). Essa aparição é importante, pois João 7.5 e Marcos 3.21-35 indicam que todos os irmãos de Jesus eram descrentes nele. Por conta do critério do constrangimento, é provável que esse realmente tenha sido o caso, já que seria embaraçoso incluir

---

30 HABERMAS; LICONA, *The Case for the Resurrection of Jesus*, local 656. Minha tradução.

31 WRIGHT, N. T. The self-revelation of God in human history: a dialogue on Jesus with N. T. Wright. In FLEW, Anthony. *There is a God*: how the world's notorious atheist changed his mind. New York: Harper Collins, 2009, p. 207. Minha tradução.

32 HABERMAS; LICONA, *The Case for the Resurrection of Jesus*, local 621.

33 Ibid., local 616.

34 Ibid., locais 2812-2818.

35 CRAIG, *Apologética contemporânea*, p. 362.

uma história na qual os irmãos do Messias não criam nele. Entretanto, como Eusébio de Cesareia apontou, sabe-se por meio de Josefo, Clemente e Hegésipo que Tiago morreu martirizado como um dos grandes líderes do cristianismo nascente.[36] A morte de Jesus na cruz seria uma confirmação da descrença de Tiago. Contudo, ele não é afetado por esse fato, mas morre como um dos principais líderes do cristianismo primitivo? Qual seria o motivo de tamanha mudança? Paul Copan dá a resposta: "O que melhor explica essa mudança de coração? A resposta é encontrada no credo primitivo em 1 Coríntios [...] que afirma: 'foi visto por Tiago'".[37]

Ao final do credo citado por Paulo, ele acrescenta: "e, afinal, depois de todos, foi visto também por mim" (1Co 15.8a). Assim como Tiago, Paulo também era descrente em Jesus. A história de Saulo de Tarso se inicia em Atos 7 com o apedrejamento de Estêvão. O texto de Atos mostra Saulo como um perseguidor de cristãos. O momento da conversão de Saulo de Tarso é aquele em que ocorre a aparição de Jesus a ele e é atestado por Lucas em Atos 9.1-9; 22.6-11 e 26.12-18. Logo, a aparição de Jesus a Paulo não só recebe atestação em um documento antigo e próximo dos eventos (no credo de 1Coríntios 15), como também é registrado por fontes múltiplas e independentes. Não apenas Lucas e o próprio Paulo, mas também Clemente de Roma, Policarpo, Tertuliano, Dionísio de Corinto e Orígenes comentam sobre a conversão de Paulo.[38] Copan diz: "Então, temos testemunhas antigas, oculares e múltiplas" da conversão de Paulo. Ele continua: "Esse é o tipo de evidência que faz os historiadores babarem".[39] E Habermas diz: "Uma reviravolta tão drástica – de um jovem estudioso excepcional e principal perseguidor da igreja (1Co 15.9; Gl 1.13-14; Fp 3.4-7) para um apóstolo – certamente exige uma explicação adequada".[40]

É, portanto, evidente que há um número considerável de evidências a favor das aparições de Jesus experimentadas por Pedro, Tiago e Paulo. Os relatos dessas aparições estão em fontes múltiplas, independentes e próximas dos eventos, o que torna sua probabilidade significativamente mais alta.

3.4 A aparição aos quinhentos irmãos, aos doze e às mulheres

Paulo não lista apenas Cefas, Tiago e a si mesmo, mas também "quinhentos irmãos". O credo já dá uma atestação antiga do evento, mas há outro

---

36 EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. Coleção Patrística, Vol. 15, São Paulo: Paulus, 2000, p. 80. (*H. Eccl*. II.XXIII). Edição Kindle.

37 COPAN, Paul. Paul's opening statement. In: LICONA, Michael R. *Paul Meets Muhammad*: A Christian-Muslim Debate on the Resurrection. Grand Rapids, MI: Baker, 2006, local 397. Edição do Kindle. Minha tradução.

38 HABERMAS; LICONA, *The Case for the Resurrection of Jesus*, local 579.

39 COPAN, "Paul's opening statement", local 383. Minha tradução.

40 HABERMAS, *Risen Jesus and Future Hope*, p. 20. Minha tradução.

detalhe que o torna plausível. O fato de Paulo saber que algumas dessas pessoas dentre as quinhentas já haviam morrido indica que ele teve contato com elas. Segundo Craig: "Paulo nunca poderia ter dito isso se o fato não tivesse ocorrido. Ele não poderia ter desafiado as pessoas a perguntar às testemunhas se o evento não tivesse acontecido e não existissem testemunhas".[41]

A aparição aos Doze não apenas é atestada por Paulo aqui – no credo que é classificado como uma fonte antiga e próxima dos eventos – mas por Lucas e João (Lc 24.36-43; Jo 20.19,20), o que torna esse evento em algo atestado por fontes múltiplas e independentes. Segundo Craig, essa aparição "não está em disputa".[42]

Apesar de não mencionar as mulheres, sua ausência no credo citado por Paulo é importante. A aparição às mulheres é atestada de forma múltipla e independente por Mateus e João (Mt 28.9-10; Jo 20.11-17), mas também cumpre o critério do constrangimento. Isso demonstra que a tradição antiga citada em 1 Coríntios 15 via como embaraçoso o fato de mulheres terem sido as primeiras testemunhas do Jesus ressurreto. Como Wright aponta:

> No mundo antigo, judeu e pagão, as mulheres não eram testemunhas confiáveis no tribunal. E já na época em que Paulo está citando a tradição pública sobre Jesus em 1 Coríntios 15, [...] ele tem uma lista de homens [...]. Nós levantamos nossas mãos e dizemos: "Com licença, Paulo, onde estão as mulheres?" A resposta é que, já no início dos anos 50, a tradição pública removeu as mulheres do relato, porque a tradição pública sabia que elas estariam em apuros. Vemos os problemas que elas tiveram quando lemos Celso, que um século depois despreza a ressurreição ao dizer: "Esta fé é baseada apenas no testemunho de algumas mulheres histéricas".[43]

Bart Ehrman, historiador ateu, diz:

> É indiscutível que alguns seguidores de Jesus passaram a pensar que ele havia ressuscitado, e deve ter acontecido algo que os fez pensar assim. Nossos registros mais antigos são coerentes quanto a isso, e acho que nos fornecem informação confiável em termos históricos em um ponto-chave: a crença dos discípulos na ressurreição se baseava em experiências visionárias.[44]

E Wright conclui que o sepulcro vazio e as aparições pós-morte de Jesus possuem "uma probabilidade histórica tão alta que é praticamente certa".[45]

---

41 CRAIG, *Apologética contemporânea*, p. 362-363.

42 Ibid., p. 364.

43 WRIGHT, The Self-Revelation of God, p. 206-207. Minha tradução.

44 EHRMAN, Bart D. *Como Jesus se tornou Deus*. São Paulo: LeYa, 2014, p. 149-150. Edição do Kindle.

45 WRIGHT, N. T. *A ressurreição do Filho de Deus*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 975.

4. O ARGUMENTO DOS FATOS MÍNIMOS E SUAS CRÍTICAS

Alguns dos chamados "fatos mínimos" foram apresentados, seguidos de argumentos a favor de sua historicidade. Isso cumpre os dois critérios listados por Habermas: ser aceito pela maioria dos estudiosos e também possuir suporte de evidências históricas que convenceram essa maioria. Entretanto, o método dos fatos mínimos não é imune a críticas e a principal parece ser o problema da retórica. Nesse caso, o que ocorre é que evidências a favor de diferentes aspectos de um dos fatos mínimos podem ser usadas incorretamente a favor de um fato conjunto disfarçado (retoricamente) de um único dos fatos mínimos.

Tome como exemplo o sepulcro vazio de Jesus. Apesar de ser aceito por 75% dos estudiosos (como dito acima por Habermas), é aqui que aparece a primeira dificuldade do método dos fatos mínimos. Quando defende o sepulcro vazio, Craig diz: "No domingo seguinte à crucificação, o túmulo de Jesus foi encontrado vazio por um grupo de seguidoras".[46] Craig lista este como um dos quatro fatos que são "consenso no mundo acadêmico".[47] Note que Craig está defendendo duas coisas: primeiro, o sepulcro estava vazio; em segundo lugar, ele foi descoberto por mulheres. Para esses dois itens, diferentes evidências são usadas como apoio (como visto acima): o sepulcro vazio tem o suporte da atestação múltipla, das fontes antigas, do fator Jerusalém e da atestação por inimigo, enquanto a descoberta por mulheres possui uma evidência (o critério do constrangimento), que indiretamente dá suporte ao sepulcro vazio.

Blomberg observa que na maior parte do argumento de Craig há um exagero com relação aos fatos defendidos. Blomberg concorda que a maioria dos estudiosos apoia a confiabilidade da narrativa do sepulcro vazio, mas ele prossegue dizendo "que a descoberta feita por um grupo de mulheres seguidoras é um pouco mais questionável".[48] Craig comete o mesmo exagero ao falar da sepultura de Jesus. Em seu argumento, Craig lista entre os fatos que são "consenso" o sepultamento de Jesus *por José de Arimatéia*.[49] Embora seja possível argumentar, como observa Blomberg, que a sepultura de Jesus era fácil de se encontrar, vincular isso a José de Arimateia torna o argumento "mais suspeito".[50]

É importante destacar também que as aparições de Jesus após a sua morte não são necessariamente reconhecidas pelos estudiosos da mesma forma como

---

46 CRAIG, William Lane; CROSSAN, John Dominic. "Discursos de abertura". In: COPAN, Paul (Ed.). *O Jesus dos evangelhos*: mito ou realidade? São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 31.

47 Ibid., p. 30.

48 BLOMBERG, Craig. "O Jesus da história e o Cristo da fé: harmonia ou conflito?". In: COPAN, Paul (Ed.). *O Jesus dos evangelhos*: mito ou realidade? São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 117.

49 CRAIG; CROSSAN, "Discursos de abertura", p. 30.

50 BLOMBERG, O Jesus da história e o Cristo da fé, p. 117.

os Evangelhos descrevem. Blomberg observa[51] que a natureza dessas aparições pode ser questionada: foram visões? Ou alucinações? Poderiam ser uma comunhão mística com Deus? Ou uma impressão subjetiva? Será que realmente foram fatos objetivos que poderiam ser averiguados por qualquer testemunha? Note que simplesmente destacar as aparições como aceitas pela maioria dos estudiosos não responde a essa pergunta. É verdade, por exemplo, que o estudioso ateu Gerd Ludemann diz: "Deve ser considerado como historicamente certo que Pedro e os discípulos tiveram experiências após a morte de Jesus nas quais Jesus apareceu a eles como o Cristo ressurreto".[52] Entretanto, Ludemann concorda que Pedro e os discípulos tiveram *experiências* com aparições de Jesus, mas não que Jesus ressuscitou. Ludemann defende que essas aparições foram, na verdade, alucinações.[53]

É evidente, portanto, que um problema que aparece no método dos fatos mínimos é a retórica envolvida no discurso de seus defensores. Embora seja possível defender a historicidade do sepulcro vazio e das aparições pós-morte, atribuir à maioria dos estudiosos um posicionamento adicional (como o de que o sepulcro foi descoberto por mulheres ou que as aparições eram físicas, por exemplo) faz parte de um jogo retórico que exige mais evidências e argumentos do que permite o escopo dos critérios dos fatos mínimos.[54]

Além disso, há um problema relacionado ao crescente número de artigos e livros acadêmicos que estão sendo escritos. Quanto maior o número de estudiosos e de produções acadêmicas, maior fica a lista de fatos mínimos, o que impede sua continuidade ampla. Como Habermas reconhece:

> Como analisei esse material por décadas, posso relatar que a maioria dos estudiosos críticos contemporâneos, na verdade, admite muito mais fatos do que aqueles incluídos na longa lista, sem falar nos poucos Fatos Mínimos. Mas o problema é que, à medida que o número de eventos aumenta, menos estudiosos concordam com cada um deles. Portanto, pode haver mais concessões quanto a "quais fatos" devem ser utilizados. Obviamente, listas mais longas não atenderiam, especialmente, ao segundo critério estrito do método dos Fatos Mínimos.[55]

Desse modo, o que deve ou não ser incluído na lista encontra certa dificuldade conforme a pesquisa de Habermas prossegue.

---

51 Ibid., p. 118.

52 LUDEMANN, *What Really Happened to Jesus*, p. 80. Minha tradução.

53 Cf. Ibid.

54 Por essa razão, Craig coloca uma segunda etapa na sua defesa da ressurreição de Jesus, na qual as hipóteses rivais à ressurreição (como a hipótese da alucinação ou do corpo roubado) são avaliadas e a ressurreição física de Jesus argumentada como a melhor explicação dos fatos defendidos (cf. CRAIG, *Apologética contemporânea*).

55 HABERMAS, The Minimal Facts Approach, p. 16. Minha tradução.

O método dos fatos mínimos também recebeu críticas do pastor batista James White, com base no argumento de que a maioria dos estudiosos que trabalham o Novo Testamento já são cristãos.[56] Além dele, Lydia McGrew também criticou o método com base na ambiguidade dos fatos listados (como a natureza das aparições) e nas limitações da lista de fatos mínimos.[57]

5. HIPÓTESES ALTERNATIVAS PARA OS FATOS MÍNIMOS

Como foi visto, diferente do que White afirma não são apenas cristãos que concordam com a historicidade dos fatos listados. Além disso, o exagero retórico e a ambiguidade parecem ser as duas principais objeções contra o método dos fatos mínimos. Embora Craig exagere em seu discurso, uma lista mais modesta pode ser apresentada: (1) Jesus morreu crucificado; (2) Jesus foi sepultado; (3) o sepulcro de Jesus foi encontrado vazio, e (4) os discípulos tiveram experiências com aparições de Jesus após sua morte.

Como apontado, esses fatos simplificados contêm menos exageros e estão mais de acordo com a opinião acadêmica. Apesar de não ser a lista de fatos mínimos defendida por Habermas, é evidente que esses são fatos importantes acerca de Jesus e são adotados pela maior parte dos estudiosos da área graças a um número razoável de evidências. Entretanto, a ressurreição não é a única explicação possível desses fatos. Serão analisadas agora duas hipóteses que visam explicar tais fatos: a hipótese das alucinações e a hipótese da conspiração.

5.1 A hipótese das alucinações

O fato número (4), como dito acima, sofre de uma ambiguidade com relação à natureza dessas aparições. Ludemann diz que a aparição a Pedro pode ser explicada pelo seu sentimento de luto que gerou alucinações e a sensação da presença de Jesus.[58] Ele também diz que a aparição aos quinhentos pode ser explicada como uma "alucinação coletiva".[59] Além disso, Ludemann também apela para a linguagem de "visão" usada nas narrativas que descrevem as aparições a Paulo.[60]

Craig responde à hipótese das alucinações apontando o seu baixo escopo explanatório. Dito de outra maneira, alucinações não explicariam outros fatos

---

56 WHITE, James. Submitted Scholarship, Alpha & Omega Ministries, 19 abr. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nVoowQLSrw. Acesso em: 7 maio 2025.

57 MCGREW, Lydia. Minimal facts vs. Maximal Data. What's Wrong with the World, 21 fev. 2015. Disponível em: https://whatswrongwiththeworld.net/2015/02/minimal_facts_are_not_enough.html. Acesso em: 7 maio 2025.

58 LUDEMANN, *What Really Happened to Jesus*, p. 93. Minha tradução.

59 Ibid., p. 99. Minha tradução.

60 Ibid., p. 102-126. Minha tradução.

mínimos, como o sepulcro vazio.[61] Além disso, dado o contexto histórico, a visão de alguém não provaria uma ressurreição, mas sim sua morte.[62] Mesmo Allison diz: "Visões de Jesus, sem a crença no seu túmulo vazio, provavelmente teriam levado apenas à fé na vindicação de Jesus e na sua assunção ao céu, e não à crença na sua ressurreição dos mortos".[63] Ademais, pode ser dito que a hipótese de Ludemann é *ad hoc*. Não só ela requer uma explicação adicional para explicar ou negar o sepulcro vazio, como também precisa explicar como múltiplos indivíduos tiveram essas experiências. Por exemplo, para explicar as aparições a Paulo, Ludemann diz que ele teve um "complexo de Cristo" com o sentimento de culpa pela perseguição.[64] Esse tipo de análise psicológica carece de método histórico.

5.2 A hipótese da conspiração

Como apontado acima, tanto o Evangelho de Mateus quanto Justino de Roma apontam que as autoridades judaicas espalharam que os discípulos haviam roubado o corpo de Jesus do sepulcro. Essa hipótese pressupõe uma conspiração por parte dos primeiros discípulos para espalhar a mensagem do movimento de Jesus como Messias ainda após a sua morte.

Uma das razões para esta não ser uma hipótese plausível é a falta de amplitude explicativa: como explicar a conversão de Paulo e Tiago, dois descrentes? Além disso, de acordo com Josefo, Tiago foi condenado à morte por sua fé:

> Ele aproveitou o tempo da morte de Festo, e Albino ainda não tinha chegado, para reunir um conselho, diante do qual fez comparecer Tiago, irmão de Jesus, chamado Cristo, e alguns outros; acusou-os de terem desobedecido às leis e os condenou ao apedrejamento.[65]

Ademais, os discípulos estavam dispostos a morrer por suas crenças. Além disso, outros cristãos, embora soubessem da morte e perseguição contra os primeiros discípulos, não desistiram de sua fé. Seria plausível um número tão grande de conspiradores não desistir daquilo que eles sabiam que era mentira? Como Eusébio colocou:

> Herodes [...] matou Tiago, irmão de João, à espada e lançou Pedro na prisão, como está escrito nos Atos dos Apóstolos. [...] E, no entanto, embora tivessem sofrido assim, os demais discípulos se apegaram tenazmente a Jesus e foram

61 CRAIG, *Apologética contemporânea*, p. 368.

62 Ibid., p. 368.

63 ALLISON, *Resurrecting Jesus*, p. 332. Minha tradução.

64 LUDEMANN, *What Really Happened to Jesus*, p. 126-129. Minha tradução.

65 FLÁVIO JOSEFO, *Antiguidades Judaicas*, p. 1267 (Livro XX.8.856).

> ainda mais diligentes na pregação a todos sobre Ele e Seus milagres. Depois, Tiago, irmão do Senhor, [...] também foi apedrejado por eles. Pedro foi crucificado de cabeça para baixo em Roma, Paulo decapitado e João exilado em uma ilha. No entanto, embora tenham sofrido assim, nenhum dos outros desistiu de sua intenção [...]. E mesmo supondo que eles se unissem para inventar falsidades, é certamente maravilhoso que um número tão grande de conspiradores continuasse a concordar sobre suas invenções até a morte, e que nenhum deles, alarmado com o que aconteceu com aqueles que já haviam sido mortos, se separasse da associação ou pregasse contra os outros e trouxesse à luz sua conspiração...[66]

Por essas razões, Allison diz que essa hipótese não é defendida por "quase ninguém".[67]

5.3 A hipótese da ressurreição

A hipótese de que Deus ressuscitou Jesus dos mortos é a explicação que os discípulos deram ao que experimentaram. Essa hipótese tem *alcance explicativo*, pois explica os fatos da tumba vazia, das aparições pós-morte e da mudança de vida dos discípulos e de ex-descrentes em Jesus, tais como Paulo e Tiago. Também não é *ad hoc*, pois exige apenas uma hipótese adicional: Deus existe. Ela também explica adequadamente cada um dos fatos de forma independente: a tumba vazia pode ser adequadamente explicada pela ressurreição, mas não por alucinações; as aparições pós-morte podem ser explicadas pela ressurreição, mas não pela teoria da conspiração. Qualquer conjunto de hipóteses (por exemplo, os discípulos roubaram o corpo e depois alucinaram com visões de Jesus) seria, naturalmente, *ad hoc*.

Apesar disso, Ehrman objeta dizendo que qualquer outra explicação – seja que os discípulos roubaram o corpo ou que eles foram afetados por alucinações etc. – por mais improvável que seja, ainda é mais provável que a ressurreição:

> ... qualquer outro cenário – não importa o quão improvável – é mais plausível que um no qual ocorreu um grande milagre, visto que milagres desafiam toda a probabilidade (ou, do contrário, não chamaríamos de milagre).[68]

A recusa de Ehrman com relação à hipótese da ressurreição parte de seu naturalismo metodológico. Bock e Komoszewski explicam que o naturalismo metodológico

---

66 EUSÉBIO DE CESAREIA. *Demonstratio Evangelica*, 2001 (Livro 3.5.116.b-d). Disponível em: https:// www.tertullian.org/fathers/eusebius_de_05_book3.htm. Acesso em: 9 maio 2025. Minha tradução.

67 ALLISON, *Resurrecting Jesus*, p. 207. Minha tradução.

68 EHRMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 141-142.

> não nega a existência de seres sobrenaturais ou de um mundo ou reino transcendente, mas não lhes permite qualquer papel na busca do conhecimento científico, incluindo as ciências físicas e biológicas, bem como a história e outras ciências humanas.[69]

Bradley Morton, um filósofo ateu, se opõe ao naturalismo metodológico convidando seus leitores a imaginarem uma máquina que pulsa em código Morse e é descoberta por astrônomos que decidem decifrar a mensagem. Ao decifrá-la, os astrônomos descobrem que a mensagem diz que a máquina é feita por Deus e que é ele quem a está fazendo pulsar dessa maneira. Embora céticos, os astrônomos percebem que seus questionamentos também estão sendo respondidos pelas mensagens. Ao chamar outras pessoas, a máquina sugere experimentos que, se feitos corretamente, Deus realizará um milagre. Ao fazer o que é dito, surgem nuvens que soletram versículos bíblicos.[70] Ele conclui:

> As evidências não comprovam a existência de Deus – talvez alguma civilização alienígena avançada esteja nos pregando uma peça; talvez os cientistas estejam sofrendo algum tipo de alucinação em massa; talvez tudo isso esteja acontecendo devido a alguma flutuação quântica incrivelmente improvável. Mas as evidências não fornecem algum suporte para a hipótese de que Deus existe. Seria tolice os cientistas se recusarem a aceitar a hipótese de que Deus existe devido a algum compromisso com o naturalismo metodológico. É claro que é importante considerar as hipóteses naturalistas, mas também é preciso considerar a hipótese teísta.[71]

Portanto, não apenas Ehrman está raciocinando em círculos (ao pressupor que qualquer hipótese naturalista é mais provável do que a teísta), como também sua metodologia limita a exploração científica, pois impede hipóteses válidas (como a hipótese teísta) de serem consideradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo se dispôs a apresentar o argumento dos fatos mínimos a favor da historicidade da ressurreição de Jesus. Para ser considerado um fato mínimo, Habermas aponta dois critérios: (1) contar com evidências fortes e (2) ser considerado um fato histórico pela maioria dos estudiosos de áreas relevantes. O limite editorial impôs recortes temáticos e analíticos, o que faz com que certos temas (como as questões epistemológicas, a discussão mais aprofundada do naturalismo metodológico, o papel da historiografia em questões de milagres etc.) sejam parte de investigações posteriores.

---

69 BOCK; KOMOSZEWSKI, *O Jesus histórico*, p. 44.

70 MORTON, Bradley. *Seeking God in Science*: an atheist defends Intelligent Design, Peterborough: Broadview Press, 2009, p. 51-52. Minha tradução.

71 Ibid., p. 52.

Embora o método dos fatos mínimos sofra com algumas objeções, algumas delas não tiram a validade do método. O problema de retórica pode ser resolvido com formulações mais modestas dos fatos. Além disso, a crítica de James White se viu não satisfatória, já que pessoas como Ludemann e Ehrman afirmam alguns dos fatos listados. Além disso, foi argumentado que explicações naturalistas (como a hipótese das alucinações e a hipótese da conspiração) não explicam adequadamente as evidências. Ademais, a rejeição de Ehrman da hipótese teísta parte de um raciocínio circular e limitante.

A viabilidade histórica do método, ainda que sofra com problemas metodológicos, ainda aponta evidências que devem ser consideradas a favor da ressurreição de Jesus como evento histórico. Portanto, há uma justificativa racional para a crença na ressurreição de Jesus, o que avaliza a fé do cristão.

ABSTRACT

The article aims to present the argument of minimal facts as a way to support the historicity of Jesus' resurrection. This method was developed by Gary Habermas and is based on the presentation of small historically accepted facts that have a specific number of arguments in favor of their historicity, so that it convinces most scholars in relevant areas regarding the historical Jesus. Thus, the article not only lists the facts listed by Habermas but also presents a brief defense of some of them, such as the empty tomb of Jesus and the appearances to James and Paul, among others. In addition, there is a discussion regarding the validity of the method and a presentation of refutations to the arguments against each minimal fact discussed.

KEYWORDS

Resurrection of Jesus; Historical Jesus; Apologetics; Gary Habermas.